

O LIVRO DE JEREMIAS

Um comentário exegético-teológico

Nelson Kilpp



2025

© 2025 Editora Sinodal
Rua Amadeo Rossi, 467
93030-220 – São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3037-2366
editora@editorasinodal.com.br
www.editorasinodal.com.br

Em coedição com
Editora Paulinas
Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo/SP
Tel.: (11) 2125-3500
editora@paulinas.com.br
www.paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Capa: Editora Sinodal

Produção editorial e gráfica: Editora Sinodal

Texto bíblico utilizado: A Bíblia (São Paulo: Paulinas, 2023)
Com autorização © Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kilpp, Nelson

O livro de Jeremias : um comentário exegético-teológico / Nelson
Kilpp. -- São Leopoldo, RS : Editora Sinodal : Editora Paulinas, 2025.

ISBN Sinodal: 978-65-5600-098-5

ISBN Paulinas: 978-65-5808-343-6

1. Bíblia N.T. Jeremias - Comentários 2. Bíblia N.T. Jeremias -
Crítica e interpretação 3. Bíblia N.T. Jeremias - Meditações 4. Exegese
bíblica 5. Jeremias (Personagem bíblico) 6. Teologia cristã I. Título.

25-260810

CDD-220.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Jeremias : Antigo Testamento : Comentários 220.06

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Para Sônia,
companheira de todas as horas,
cujo incentivo possibilitou
a conclusão desta obra.

SUMÁRIO

Agradecimentos	9
Apresentação	11
Abreviaturas e siglas	13
Introdução.....	15
Primeira parte:	
Ditos a Israel, Judá e Jerusalém – Jeremias 1-25	35
Jeremias 1: Vocação e envio do profeta	36
Jeremias 2-6: Primeiros ditos do profeta	55
Jeremias 2-3: Primeiros ditos a Israel e Judá	56
Jeremias 2	56
Jeremias 3	73
Jeremias 4-6: Ditos a Judá e Jerusalém:	
o inimigo do norte.....	87
Jeremias 4	89
Jeremias 5	99
Jeremias 6	114
Jeremias 7-10: Ditos complementares.....	127
Jeremias 7	128
Jeremias 8	144
Jeremias 9	153
Jeremias 10	164
Jeremias 11-20: Perseguição e sofrimento.....	174
Jeremias 11	175
Jeremias 12	187
Jeremias 13	192
Jeremias 14	205
Jeremias 15	217
Jeremias 16	225
Jeremias 17	233
Jeremias 18	244
Jeremias 19	254
Jeremias 20	258

Jeremias 21-24: Sobre reis e profetas	268
Jeremias 21.....	269
Jeremias 22.....	274
Jeremias 23.....	286
Jeremias 24.....	304
Jeremias 25: Resumo e transição.....	310

Segunda parte:

Relatos e promessas de salvação – Jeremias 26-45..... 321

Jeremias 26-29: Os conflitos.....	322
Jeremias 26: Jeremias no tribunal	322
Jeremias 27-29: Um panfleto contra os profetas	332
Jeremias 27: A canga simbólica	333
Jeremias 28: Profetas em conflito.....	340
Jeremias 29: A carta aos exilados	347
Jeremias 30-33: Promessas de salvação.....	359
Jeremias 30-31: O “livro da consolação”	360
Jeremias 30	361
Jeremias 31	372
Jeremias 32-33: Adendos ao “livro da consolação”	391
Jeremias 32	391
Jeremias 33	406
Jeremias 34-35: Oportunidades perdidas.....	411
Jeremias 34	412
Jeremias 35: O exemplo dos recabitas.....	420
Jeremias 36-45: O fim da nação e o destino do profeta.....	426
Jeremias 36: Origem e destino do rolo.....	428
Jeremias 37-44: O fim de Judá e Jerusalém	437
Jeremias 37: A prisão de Jeremias	437
Jeremias 38: Jeremias na cisterna e o último encontro com Sedecias	443
Jeremias 39: A conquista de Jerusalém	450
Jeremias 40: Jeremias sob o governador Godolias	457
Jeremias 41: O assassinato de Godolias....	463
Jeremias 42: A fuga para o Egito.....	468
Jeremias 43: Jeremias no Egito.....	473
Jeremias 44: Última profecia de Jeremias...	478
Jeremias 45: Promessa a Baruc.....	487

Terceira parte:

Ditos sobre as nações – Jeremias 46-51 493

Jeremias 46: Sobre o Egito.....	496
Jeremias 47: Sobre os filisteus.....	502
Jeremias 48: Sobre Moab.....	505
Jeremias 49.....	514
Jeremias 50-51: Sobre a Babilônia.....	526

Jeremias 52: Apêndice histórico 553

Excursos:

Verbos que expressam a dupla atuação de Deus	46
Lista de líderes	53
Baal, o Deus das chuvas.....	61
O uso de “Israel” no livro de Jeremias	64
O culto sobre as colinas e sob as árvores	68
O culto à fertilidade e seus ritos.....	68
A mulher na metáfora do matrimônio.....	76
O inimigo do norte	87
Expressões idiomáticas dtr para caracterizar a apostasia	108
O estilo dtr de pergunta e resposta.....	108
Os óstracos de Laquis.....	116
Linguagem, estilo e terminologia deuteronomistas	128
A pregação dtr de duas alternativas	134
A Rainha dos Céus	136
Moloc e o sacrifício de crianças	143
Lamento ou canto fúnebre	159
O culto e as imagens.....	169
As “confissões” de Jeremias	185
Ações simbólicas.....	196
A família de Safã.....	330
Os profissionais de práticas mânticas	339
Verdadeiros e falsos profetas.....	345
A vida dos exilados na Babilônia	357
A lei do resgate	397
A salvação futura de acordo com Jeremias.....	404
Lendas a respeito de Jeremias	485
Baruc	490
O fim da Babilônia.....	551

Bibliografia selecionada	559
---------------------------------------	------------

Mapas

Palestina.....	568
Palestina Central	569
Antigo Oriente	570
O mundo de Jeremias.....	571
Jerusalém do séc. VII a.C.....	572

AGRADECIMENTOS

Após terminar uma obra, costumamos olhar para o caminho percorrido até sua conclusão. Essa retrospectiva traz à memória muitos acontecimentos importantes e, principalmente, muitas pessoas que nos acompanharam nesse caminho e a quem devemos gratidão, porque sem elas não teríamos alcançado a meta. Não é diferente com o presente comentário. É impossível citar todas as pessoas que contribuíram com seus conhecimentos, impulsos, ideias e motivações para que esta obra chegasse a ser concluída. Lembro os professores e as professoras que despertaram meu gosto pelas línguas e pela exegese bíblica, que me estimularam em minhas pesquisas e me ajudaram a superar adversidades. Lembro alunos e alunas, em especial, das Faculdades EST e Faculdade Unida de Vitória, que com suas perguntas e seus questionamentos me motivaram a buscar novas respostas. Lembro as lideranças comunitárias e os agentes de pastoral que, em cursos de leitura popular, me alertaram para permanecer com os pés no chão de nossa realidade. Lembro colegas docentes de diversas instituições de ensino teológico que, em debates ou mesmo em rodas informais de conversa, ampliaram minha visão. Também lembro companheiros e companheiras na caminhada ecumênica, pois me fizeram ver com maior clareza a dimensão ecumênica da Bíblia. A todos e todas devo imensa gratidão.

Também cabe agradecer a instituições que auxiliaram, de uma ou outra forma, para a presente obra. Agradeço à Igreja Evangélica da Alemanha pela concessão de bolsa de doutorado na Universidade de Marburg e de um semestre de estudos na Universidade de Bonn. Também agradeço à Sendschriften-Hilfswerk do Martin-Luther-Bund, de Erlangen, por ter atendido a meus pedidos por literatura especializada, e aos funcionários da biblioteca da Faculdades EST por sua inestimável ajuda na busca e no envio de literatura relevante ao projeto. Um agradecimento especial devo a meu orientador, Dr. Werner H. Schmidt, por sua compreensão e paciência na orientação. Sinto-me também profundamente grato a Erhard S. Gerstenberger (*in memoriam*) por seu inestimável apoio durante meu projeto de pesquisa.

De modo especial, agradeço ao Me. Edmilson Schinello, que revisou a obra e deu importantes sugestões para aprimorá-la. Agradeço, por fim, à Editora Sinodal e à Editora Paulinas por aceitarem a publicação de meu comentário.

Nelson Kilpp
Epifania 2025

APRESENTAÇÃO

Imagine-se diante de uma coletânea de pequenos escritos ou de fragmentos de textos de seus antepassados, nenhum deles datado ou assinado, alguns com duas ou três cópias, que não conferem entre si. Alguns preservados em prosa, outros em poesia... Dos poemas, muitos chegam pela memória, recitados ou cantados por suas avós, às vezes com variantes.

Como organizar tudo isso? Que escolhas fazer para dar forma a essa polifonia de textos de modo que fatos e ditos que registram importantes experiências do passado também produzam sentido às pessoas leitoras em diferentes momentos? Ou então, como fazer para que esses diversos textos e fragmentos configurem, em sua “edição final”, um mosaico que oferece riqueza de sentidos, questionamentos e respostas a novas situações?

Quem se depara com o livro de Jeremias, mesmo em uma leitura mais rápida, com certeza se pergunta como a redação final conseguiu responder a essas demandas, juntando o pulsar das experiências mais íntimas do personagem que dá nome ao livro à lucidez profética de quem se colocou a serviço de sua divindade. Um olhar mais atento, no entanto, permitirá elucidar que uma colcha de retalhos apresenta a beleza em seu conjunto, além de especificidades e riquezas em cada pedaço de tecido ali colocado.

Contemplar o conjunto da colcha e, ao mesmo tempo, como que por meio do *zoom* de uma boa lente, enxergar e analisar o detalhe de cada retalho, bem como os diferentes fios que fazem a costura do livro de Jeremias: é a oportunidade oferecida por meio desta obra de Nelson Kilpp.

Num trabalho de fôlego, recolhendo o que há de clássico e de mais atual na pesquisa bíblica (especialmente a alemã, mas também a latino-americana), o autor nos ajuda a mergulhar nos textos por meio de instigantes perguntas: Quem foi Jeremias? Quais os principais elementos políticos, geográficos e teológicos que influenciaram sua época, suas escolhas e sua postura? O que foi acrescentado no decorrer do tempo ao seu pensamento e à sua pregação? Com que interesses? É possível reconhecer o que provém de Jeremias e de sua época, distinguindo o que foi incorporado depois?

“Há condições de chegar, por meio do emaranhado de releituras, até a voz do profeta?”, pergunta Nelson Kilpp. Sim, “com toda a cautela necessária e quando houver argumentos para tal”,

é possível e necessário distinguir “entre o profeta Jeremias e o personagem Jeremias criado pelas releituras de redatores e complementadores”. E mesmo para quem adota uma leitura sincrônica dos textos, buscando o valor do texto bíblico em seu conjunto, no formato que nos é apresentado hoje, a distinção se faz importante. Mais significativo ainda para quem faz uso da leitura diacrônica, buscando valorizar “cada camada de crescimento do texto e, com isso, também a diversidade de aspectos teológicos”.

Há três maneiras (ou três distintos níveis) de se apreciar a presente obra: a) a quem deseja a leitura – seja para a oração, seja para o estudo – do livro de Jeremias, é-nos apresentada excelente tradução, fruto de longa pesquisa, de profundo trabalho de crítica textual e de comparação entre diferentes manuscritos e versões; b) oportunidade de um passo maior é oferecida pelos comentários e excursos temáticos, sempre bem fundamentados; c) e quem se interessa por informações técnicas e detalhes da crítica textual ou quer dialogar com a atual pesquisa, pode recorrer às abundantes notas de rodapé. O comentário é, portanto, exegético enquanto busca o sentido do texto para os ouvintes ou as leitoras de seu tempo, e teológico enquanto tenta formular uma teologia válida para além desse tempo.

Dois aspectos ainda merecem ser destacados. Em primeiro lugar, as dualidades da pessoa e da prática de Jeremias, bem como das diversas camadas redacionais, são apresentadas com toda a transparência. Nelson nos lembra, por exemplo, que muitos textos “não representam uma reflexão teórica sobre o tema da verdadeira e falsa profecia, mas são resultado de uma árdua disputa pela verdade, ou seja, pela verdadeira interpretação da vontade de Deus para o momento”. Nesse sentido, a obra ajuda a superar leituras idealizadas de Jeremias, às vezes presentes em alguns comentários.

Em segundo lugar, a obra nos motiva não só a boas hermenêuticas, mas também a mudanças de vida e a práticas concretas. Encoraja-nos a refletir, por exemplo, sobre as variadas formas de intolerância. Reconhecer em Jeremias atitudes de intolerância religiosa (inclusive quando o culto é praticado por mulheres), tão presentes em nosso cotidiano, é provocação permanente a nossa conversão.

Gratidão, Nelson, por tamanha dedicação!

E a você, que tem o livro em suas mãos, que possa desfrutar de cada página!

Edmilson Schinelo

ABREVIATURAS E SIGLAS

(Para abreviaturas de outras obras, v. Bibliografia)

&	parágrafo
*	representa apenas parte do versículo ou capítulo citado
abs.	absoluto
a.C.	antes de Cristo
Aufl.	Auflage (edição)
AT	Antigo Testamento
Bd.	Band, Bände (volume[s])
BHS	Biblia Hebraica Stuttgartensia
cap.	capítulo(s)
cf.	confira, conforme
col.	coluna(s)
cs.	construto
d.C.	depois de Cristo
diss.	dissertação
dtr	deuteronomista(s)
ed.	editor(es), edição, edition, edidit
e.o.	entre outras (passagens)
et al.	et alii (e outro/as [autores])
f.	feminino
fasc.	fascículo
GK	Gesenius; Kautsch; Bergsträsser, Hebräische Grammatik
HAL	Hebräisch-Aramäisches Lexikon
Hg.	Herausgeber, herausgegeben (editor, editado)
hif.	hifil
hitp.	hitpael
hof.	hofal
ibid.	ibidem, na mesma obra
imperf.	imperfeito
ind.	indicativo
inf.	infinitivo
imper.	Imperativo
JSOT.SS	Journal of the Study of the Old Testament (Supplement Series)
km	quilômetro
LXX	Septuaginta
m.	masculino; metro
n.	número
ni.	nifal
NT	Novo Testamento
p.	pessoa(s); página(s)

part.	participio
pass.	passivo
p. ex.	por exemplo
pi.	piel
pl.	plural
pu.	pual
RIBLA	Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/ Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil
<i>scil.</i>	<i>scilicet</i> ; ou seja, a saber
séc.	século(s)
sing.	singular
s(s)	e seguinte(s)
THAT	Jenni; Westermann, Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament
ThWAT	Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament
TM	Texto massorético
v.	veja; versículo(s); volume
WiBiLex	Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet
ZAW	Zeitschrift für alttestamentliche Wissenschaft

Para os meses do ano usam-se as três primeiras letras.

Livros bíblicos

De acordo com *A Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2023.

Translitterações

Palavras hebraicas e árabes são transliteradas de forma simplificada:

' (aspa final) 'alef

' (aspa inicial) 'ayin

y yod (consonantal)

h he

w waw (consonantal)

z zayin

ḥ ḥet

š tsade

sh shin

s sin e samek

k kaf

q qof

dj djim (ğ) (árabe) (p. ex. *djebel*)

INTRODUÇÃO

Escrever um comentário sobre o livro de Jeremias, no atual momento da pesquisa, é uma ousadia. Os artigos e livros escritos sobre Jeremias são incontáveis. Uma visão abrangente sobre a literatura existente não mais é impossível. Várias abordagens disputam seu espaço; as opiniões sobre surgimento e interpretação do livro são as mais variadas. A enorme dissonância dos resultados da pesquisa representa um grande desafio para quem se dispõe a escrever um comentário sobre esse livro profético. Isso, no entanto, não deve ser uma desculpa para não tentar apresentar esses resultados ao público brasileiro de modo simples e compreensível dentro dos moldes de um comentário bíblico que tem o propósito de buscar o sentido do texto sagrado que a nós foi legado. Espero ter conseguido alcançar, ainda que parcialmente, esse objetivo e, assim, dar minha modesta contribuição para a discussão futura sobre esse fascinante livro.

1) Um livro, duas versões

Em nossas Bíblias, o livro de Jeremias ocupa o segundo lugar no rol dos livros proféticos. Com mais de 21 mil palavras no texto massorético (TM), é o mais longo dos livros do Antigo Testamento (AT). O livro está preservado em duas versões: a do judaísmo palestino, ou seja, o texto massorético (TM), e a do judaísmo alexandrino, a Septuaginta (LXX). As diferenças entre as duas versões apontam para uma complexa história da transmissão do texto. A primeira grande diferença é a estrutura. Na LXX, o bloco de ditos sobre as nações (TM 46-51) não se encontra no final, mas no meio do livro (após 25,1-13); e a perícope do cálice do juízo (TM 25,15-38) encerra o bloco das nações (LXX 32). Além disso, a sequência das nações na LXX difere da ordem em que aparecem no TM. Por tudo isso, a numeração dos capítulos do livro de Jeremias na LXX é diferente da do TM.

Há indícios de que o bloco das nações já se encontrou, em uma determinada fase da história do texto, no meio do livro. Em favor disso depõe o fato de a narrativa do cálice do juízo sobre as nações (TM 25,15-38; LXX 32) relacionar-se melhor com o bloco das nações do que com seu atual contexto no TM (veja a análise de Jr 25). Isso, no entanto, ainda não significa que esse bloco

já sempre esteve no meio do livro. Sua posição central na LXX pode ser fruto de reflexão teológica posterior. Pois a estrutura do livro grego obedece ao chamado esquema escatológico tripartite, de acordo com o qual os ditos de juízo contra Judá/Israel são colocados no início do livro, os ditos de juízo contra as nações, no meio, e as promessas de salvação a Judá/Israel, no final. Estrutura semelhante também encontramos em outros livros proféticos (Is; Ez; Sf). Esse esquema expressa a convicção de que a salvação escatológica de Judá/Israel é esperada após o juízo sobre as nações opressoras.

A sequência das nações dentro do bloco TM 46-51 obedece a critérios geográficos, como ocorre também em outros livros (Am 1,3-2,6; Is 13-20; Ez 25-32). A sequência na LXX, por outro lado, provavelmente segue critérios teológicos (veja a análise do bloco TM 46-51). Em geral, dá-se preferência à ordem do TM.

A estrutura do livro é, portanto, a seguinte:¹

TM	LXX ²	
1,1-25,13	1,1-25,13	
25,14	(falta)	
25,15-38	32	(o cálice da ira)
26-45	33-51	
46	26	(sobre o Egito)
47,1-7	29,1-7	(sobre os filisteus)
48	31	(sobre Moab)
49,1-5	30,1-5	(sobre Amon)
49,6	(falta)	
49,7-22	29,8-23	(sobre Edom)
49,23-27	30,12-16	(sobre Damasco)
49,28-33	30,6-11	(sobre Cedar e Hasor)
49,34-39	25,15-26,1	(sobre Elam)
50-51	27-28	(sobre a Babilônia)
52	52	

¹ Para detalhes da equivalência de conteúdos entre TM e LXX bem como para os excedentes no TM, cf. Meyer, 2016, p. 400s.

² De acordo com a edição de Göttingen, seguida pela Septuaginta Deutsch; a edição da Septuaginta editada por Rahlfs apresenta uma sequência parcialmente diferente dos ditos sobre as nações.

No presente comentário segue-se a estrutura tradicional do TM:³

I. Jeremias 1-25: Primeira parte: ditos a Israel, Judá e Jerusalém

II. Jeremias 26-45: Segunda parte: relatos e promessas de salvação

III. Jeremias 46-51: Terceira parte: ditos sobre as nações

IV. Jeremias 52: Apêndice histórico

A segunda grande diferença entre TM e LXX é o tamanho do livro. A LXX é quase um sétimo mais breve do que o TM (em torno de três mil palavras). Como na formação de um livro bíblico os textos tendem a crescer durante sua fase criativa, ou seja, antes de sua canonização, muitos afirmam que o texto hebraico à disposição dos tradutores gregos teria sido mais breve, portanto, também mais antigo do que o atual TM. Essa tendência predomina na pesquisa atual. Ela se apoia em fragmentos do livro de Jeremias encontrados em Qumrã.⁴ Alguns desses fragmentos atestam a mesma tradição que subjaz à LXX, no caso de Jeremias, em especial o fragmento 4Q71. Esse argumento, no entanto, não é decisivo, já que outros fragmentos do livro de Jeremias atestam a tradição protomassorética (4Q70 e talvez também 4Q72).

A crítica textual mostrará que alguns trechos ausentes na LXX são claramente inclusões posteriores no TM. Por outro lado, também é possível constatar que a LXX tende a abreviar e simplificar o texto hebraico ou por motivos estilísticos ou para evitar duplicações. Por isso, não se pode concluir definitivamente que a LXX sempre preserva a versão mais antiga do texto. Pode-se afirmar, no entanto, que, antes da canonização do texto, circulavam diversas cópias do livro de Jeremias e que a cópia em mãos do tradutor grego pertencia a uma tradição distinta da que desembocou no TM. Também após a tradução da LXX, deve-se presumir que tanto o texto grego quanto o texto protomassorético sofreram alterações antes de atingir sua forma atual. A crítica textual deve decidir, portanto, caso a caso, qual a provável forma mais antiga do texto. Ponto de partida continua sendo o TM, mas o constante diálogo com a LXX torna-se imprescindível.

A LXX procura ser uma tradução bastante fiel do texto hebraico, mas, como qualquer tradução, ela adapta conceitos hebraicos à cultura de seu público. Ela ameniza, p. ex., afirmações escandalosas

³ Para uma estrutura detalhada veja o Sumário.

⁴ Trata-se de cinco fragmentos da quarta caverna de Qumrã. Os fragmentos mais antigos podem remontar a 200 a.C. Cf., também para o que segue, Fischer, 2013, p. 62, 68ss; Fischer I, p. 39ss.

sobre Deus no TM. Em 15,18 (TM), Jeremias chama Deus de “ribeiro enganador”; na LXX, no entanto, esse qualificativo é transferido à ferida do profeta. A LXX também não chama Nabucodonosor de “servo” de Deus, certamente por achar esse título por demais escandaloso (TM 27,6; LXX 34,6). Além disso, podem ser encontradas atualizações na LXX: a “espada opressora” de 46,16; 50,16 (TM), p. ex., se transforma em “espada grega” (LXX 26,16; 27,16).

2) As fases de formação do livro⁵

a) Antes de atingir sua forma atual, o livro de Jeremias teve uma longa e complexa história. Essa história é muito difícil de ser desvendada. As teorias são as mais variadas. É muito raro encontrar aspectos em que atualmente haja consenso. Neste comentário somente se pode esboçar uma possível história da formação do livro. Até o final do século XIX, não havia grandes dúvidas sobre seu surgimento. De acordo com Jr 36, no ano de 605, Baruc escrevera todas as palavras de Jeremias num rolo – o chamado “rolo original” – que, após ter sido destruído pelo fogo, foi reescrito e complementado por palavras adicionais do profeta (36,32). Bastava, agora, apenas delimitar as palavras que pertenciam ao “rolo original” e quais ao ampliado. Além desse rolo de palavras do profeta, o escriba Baruc, o amigo de Jeremias que o acompanhou em todas as fases importantes de sua vida, teria escrito, por conta própria, relatos sobre a vida do profeta.

Essa visão não logrou sustentar-se. Não se alcançou um consenso quanto à delimitação precisa do “rolo original”. Suspeitava-se que ele compreendia os primeiros sete capítulos do livro, sendo que os demais perfaziam a complementação. Essa hipótese não chegou a convencer, em especial, por causa da grande diversidade de estilos, gêneros literários, linguagens e conteúdos – por vezes contraditórios – no mesmo bloco de textos, além da constante alternância entre poesia e prosa. No início do século XX, o estudo sobre o livro de Jeremias recebeu novos impulsos.⁶ A partir das

⁵ Aqui não é possível apresentar os resultados da pesquisa por causa dos inúmeros artigos e comentários sobre o tema. O mais recente relato de pesquisa (Liwak, 2011s) contém 195 páginas e abarca apenas quarenta anos de investigação do livro de Jeremias (1970-2010) do hemisfério Norte. Estudos asiáticos, africanos e latino-americanos não foram contemplados. Uma boa resenha da pesquisa sobre Jeremias também se encontra em Römer, 2010, p. 424-430, e Kepler, 2019, p. 36ss.

⁶ Bernhard Duhm, com seu comentário sobre Jeremias de 1901, e Sigmund Mowinckel, em 1914, com seu artigo sobre a composição do livro.

pesquisas realizadas no Pentateuco, buscou-se entender o livro de Jeremias como uma compilação de diversas “fontes”. Ou seja, escritos existentes foram unidos por redatores numa única obra. Postularam-se quatro “fontes”, identificadas pelas primeiras letras do alfabeto: a “fonte” **A** compreendia os ditos proféticos em forma de poesia e os relatos em primeira pessoa, quase todos eles atribuídos ao próprio profeta; a “fonte” **B** consistia nos relatos biográficos sobre o profeta atribuídos a Baruc; a “fonte” **C**, por sua vez, era formada pelos discursos em prosa com linguagem e conteúdos deuteronomistas (dtr);⁷ por fim, a “fonte” **D** compreendia a coletânea de promessas de salvação (30s). O apêndice histórico (Jr 52) e os ditos sobre as nações foram desconsiderados nessa teoria, certamente por terem sido, de antemão, considerados (teologicamente) secundários.

Essa teoria das “fontes” nos legou algumas conclusões preciosas. Em primeiro lugar, o profeta se comunicou, com raras exceções como relatos de visões e de ações simbólicas, em forma de poesia, sendo o dito profético o principal gênero por ele utilizado.⁸ Essa percepção continua válida apesar de nem todo texto poético poder ser considerado jeremiânico. Com isso também se chegou à conclusão de que a grande maioria dos versículos do livro não procede da boca do profeta.⁹ Em segundo lugar, destacou-se a especificidade da terminologia e da teologia deuteronomista (dtr), encontrada na suposta “fonte” **C**. Expressões idiomáticas, estilo prolixo e repetitivo como de um sermão, formas e gêneros próprios, concepções bem definidas sobre a função dos profetas, a culpa de Israel e a causa do juízo – tudo isso foi considerado “complementação”, ou seja, um midrax da mensagem profética.¹⁰

Também a teoria das “fontes” não conseguiu sustentar-se. Os motivos para tal são diversos. Uma vez, há indícios da existência de diversas coletâneas menores que aparentemente tinham vida autônoma antes de ocuparem seu atual lugar no livro. Depois, foi impossível ver uma progressão de conteúdo nas supostas “fontes”,

⁷ A abreviação dtr será utilizada sempre que nos referirmos à escola deuteronomista responsável pela redação principal do livro de Jeremias.

⁸ Preferimos utilizar o termo “dito” (profético) em vez de “oráculo”, por este designar a resposta a uma consulta feita. Com raras exceções, no entanto, a proclamação profética não consiste em respostas a consultas.

⁹ De acordo com os cálculos de Duhm, 1901, p. XVI, somente 280 versículos do TM podem ser atribuídos ao profeta, 220 devem proceder de Baruc e os restantes 850 pertencem a “complementadores” (*Ergänzer*). Portanto, apenas 20% do conteúdo do livro pode ser atribuído ao profeta.

¹⁰ Sobre as diversas características da tradição dtr no livro de Jeremias veja os diversos excursos pertinentes ao longo do comentário.

ou seja, o material disperso no livro não consegue ser colocado em ordem de modo a dar um relato contínuo ou um discurso construído. Além disso, a alternância entre textos de cunho dtr maiores em lugares estratégicos e trechos dtr menores em prosa comentando textos poéticos depunha a favor de um trabalho redacional sobre textos existentes e contra um escrito autônomo. Por isso se impôs, a partir da segunda metade do séc. XX, a hipótese de que o livro de Jeremias tenha surgido através de sucessivas redações. E a visão de que uma escola dtr tenha sido responsável pela redação maior – a que deu o atual formato básico do livro – recebeu ampla aceitação.¹¹ Ainda persistem diversas dúvidas sobre as etapas redacionais pré-dtr, sobre lugar, época e diversidade de mãos da redação dtr e sobre extensão e procedência de acréscimos pós-dtr. Mas, de modo geral, pode-se afirmar que uma escola dtr que atuou na época exílica e pós-exílica não só foi responsável pela produção da História Deuteronomista (Js-2Rs), mas também pela redação que deu o atual formato básico Jr 1-45.¹²

b) Apesar de ainda haver controvérsias, devemos supor diversas fases de crescimento do livro. Mesmo que não reflita com exatidão o acontecido, Jr 36 mostra como um texto profético provavelmente surge: um núcleo é gradativamente ampliado (Jr 36,32). Como a atuação profética é essencialmente oral – o que ainda se evidencia nos ditos breves e marcantes destinados a públicos concretos –, as breves unidades retóricas de diversos contextos e épocas foram reunidas primeiramente em unidades literárias menores, provavelmente de acordo com critérios temáticos ou cronológicos. Com a demora da concretização do profetizado e o consequente ceticismo quanto à credibilidade do profeta, era importante registrar o anúncio profético por escrito, pois, ao expor a mensagem à verificação de gerações futuras, o texto reforçava a legitimidade da palavra profética.¹³

Assim devem ter surgido diversas coletâneas ainda no decorrer da atividade de Jeremias. Uma delas certamente foi o bloco Jr 2-6, muitas vezes identificado com o chamado “rolo original”, já que 6,27-30 forma um tipo de autoavaliação sobre toda a atividade

¹¹ A contribuição de W. Thiel nessa questão não pode ser subestimada. Sua minuciosa pesquisa terminológica, estilística, formal e de conteúdo está disponível em dois volumes (1973 e 1981). O presente comentário adota, em grande medida, as conclusões desse autor.

¹² A escola dtr também é responsável pela edição do livro de Amós.

¹³ Assim, p. ex., a argumentação de Schmidt I, p. 30.

profética. O bloco é bipartite: enquanto Jr 2s colocam o peso na denúncia e têm como destinatário privilegiado “Israel”, Jr 4-6 acentuam o anúncio de juízo através do inimigo do norte e se destinam, em especial, a Judá e Jerusalém. Jr 1 é reconhecidamente uma introdução a esse bloco – ou, mais provavelmente, a toda a primeira parte do livro (Jr 2-25) – que busca legitimar a atuação profética, contestada por grande parte de seus ouvintes.

Outras coletâneas se destacam por seus títulos: 21,11 (“a respeito da casa real de Judá”) introduz uma coletânea de ditos contra a corte real (21,11-23,8); e 23,9 (“a respeito dos profetas”) abre uma coletânea sobre o conflito de Jeremias com profetas contemporâneos. Pode-se postular também uma pequena coletânea de promessas de salvação, que formam, agora, o cerne de Jr 30s. Todas essas coletâneas existiam antes da redação dtr e receberam acréscimos nas diversas fases de sua tradição, tanto antes quanto após a referida redação. Esta, no entanto, fez o trabalho editorial decisivo de colocar essas coletâneas em lugares que condiziam com sua concepção do livro.

Outra possível coletânea pré-dtr poderia ter sido Jr 11-20, formada pelas chamadas “confissões” de Jeremias e pelos relatos na primeira pessoa do profeta. Mas, neste caso, o caráter hipotético é maior. Hipotético também permanece se Jr 8-10 constituíam ou não uma coletânea antes de serem adicionados pela redação dtr ao bloco Jr 2-6.

c) Uma classe especial de literatura formam os chamados relatos biográficos em que Jeremias aparece em terceira pessoa. Eles se encontram, em especial, na segunda parte do livro, especificamente nos trechos isolados Jr 26; 28; 29; 34; 36 e no bloco que narra a conquista de Jerusalém (Jr 37-44), mas também já dão sinal de vida em Jr 20,1-6. Tradicionalmente eles são atribuídos ao escriba Baruc, apesar de ele aparecer na terceira pessoa em Jr 26 e 36.¹⁴ Mesmo não havendo certeza sobre a autoria desse grupo de textos, eles trazem detalhes que somente alguém próximo ao profeta poderia conhecer. O autor, além disso, tem bom trânsito nos corredores do poder e conhece políticos influentes da época. Os relatos em terceira pessoa não são, a rigor, uma biografia do profeta. Eles não estão interessados nos momentos importantes da vida de Jeremias como data de nascimento ou detalhes sobre os atentados

¹⁴ Mayer, 2016, p. 413, menciona como outros possíveis autores: Aicam, filho de Safã (26,24), o sacerdote Sofonias, filho de Maasias (29,29), e o cuchita Ebed-Melec (38,7-13).

contra sua vida, mas nas reações, quase sempre adversas, de seus ouvintes e nas consequências do anúncio profético para sua vida pessoal, em geral de perseguição, zombaria e sofrimento. Por ainda não haver uma designação mais adequada para esse grupo de textos, uso neste comentário a linguagem tradicional “relatos biográficos” ou “relatos de Baruc”.

Atualmente se discute se esse grupo de textos formava uma “fonte” que foi introduzida pelos redatores dtr em lugares histórica ou teologicamente estratégicos ou se eles formam uma camada redacional pré-dtr. Alguns trechos isolados podem, é verdade, ser entendidos como complementações redacionais a relatos em primeira pessoa (p. ex., Jr 20,1-6 após o gesto simbólico da destruição da bilha em 19,1s.10s; ou Jr 28 após o gesto simbólico da canga em 27,2s.10s). No entanto, o bloco que trata da conquista de Jerusalém e da época sob Godolias (Jr 37-44) não apresenta características de uma camada redacional, configurando, antes, uma obra coesa de historiografia. Na descrição da situação após a destruição de Jerusalém, Jeremias também não está no centro das atenções (Jr 39-43). Não vejo argumentos suficientes para postular autorias diferentes para esses dois tipos de relatos. Esses devem, em todo caso, ser anteriores à redação dtr, pois também eles foram complementados e relidos por ela.

d) Como já afirmado acima, a atual forma do livro se deve principalmente à redação dtr. Essa abarca os capítulos 1 a 45. Na época exílica e pós-exílica, o trabalho dtr se dedica a elaborar teologicamente a catástrofe de 587 e a crise dela decorrente. Assim, adapta e reinterpreta a mensagem de Jeremias para sua época. Seu labor redacional não se limita, portanto, a colocar coletâneas existentes em uma determinada sequência (cf. os títulos estruturadores em 7,1; 11,1; 18,1; 21,1). É também responsável por costuras e breves interpretações inseridas em coletâneas existentes, bem como por introduzir longos discursos em lugares estratégicos em forma de sermões destinados a ouvintes e leitoras de sua época (p. ex., 7,1ss; 9,11-15; 11,1-15; 19,5-12). Os redatores falam para a sua época através da boca de Jeremias. Não se deve, portanto, buscar mensagem jeremiânica nos discursos e nas releituras dtr. Isso não impede de a redação dtr ter, ocasionalmente, preservado ditos isolados de Jeremias que circulavam oralmente (p. ex., 7,28b.29). As discrepâncias menores existentes nessa ampla camada dtr apontam para mais do que uma mão. Fala-se, portanto, de uma escola de teólogos que deve ter atuado por mais de um século. A mesma linguagem e teologia, no entanto, torna praticamente impossível –

mas, por causa dessa homogeneidade, também desnecessário – distinguir as diferentes mãos dtr.

A redação dtr não atribui a catástrofe de 587 à fraqueza de Deus, mas à culpa do povo. E essa reside na não observância da Lei, cristalizada no primeiro mandamento. A culpa da idolatria é a marca do povo desde a época dos “pais”. Os profetas são entendidos como pessoas que chamam ao arrependimento e à conversão, mas não são ouvidos. Assim, a destruição de Jerusalém, o fim da autonomia política de Judá e a dispersão do povo judaíta são juízo justo de Deus. O anúncio profético de juízo incondicional é transformado pelos redatores numa ameaça que poderia ter sido evitada. Essa mudança de enfoque tem a ver com a situação dos destinatários da pregação dtr: eles vivem após a concretização do anúncio profético. Além disso, a tentação de abandonar YHWH, o Deus de Israel, era muito concreta nas épocas exílica e pós-exílica. Mas, em meio à situação de juízo, os teólogos dtr também buscam sinais de esperança por salvação. Essa, por vezes, extrapola toda e qualquer experiência humana (31,31-34). Em todo caso, as visões de salvação futura apresentadas pelos autores dtr são bem mais fantásticas do que as modestas promessas jeremiânicas.¹⁵

Quanto ao culto, a posição dtr é ambígua. Ao contrário do valor que lhe atribui o Dt, a redação dtr de Jr relativiza – na esteira da crítica jeremiânica contida em Jr 7 – a importância do santuário e do culto sacrificial (7,21s), também por reconhecer, após 587, a ineficácia de templo e sacrifícios para salvar o povo. Por outro lado, espera-se a restauração do culto sacrificial tradicional no santuário com a salvação futura (17,26), quando a Lei, no caso o descanso sabático, novamente for observada.

Quanto ao local da redação dtr, não há consenso. Alguns textos falam da dispersão e do retorno de exilados na perspectiva dos que residem na Palestina (p. ex., 8,3; 9,15; 16,13; 22,26.28; 23,3.8 e.o.). Por outro lado, existe a visão de que a história futura de Israel passa pelo grupo de exilados à Babilônia (24,5s). Isso, no entanto, não precisa necessariamente depor a favor de uma localização na Babilônia, já que a tendência pró-babilônica pode refletir a realidade pós-exílica da predominância dos grupos exilados que retornaram à Palestina. A época de atuação da escola dtr deve entender-se provavelmente de 597/587 ao início do séc. IV.

¹⁵ Veja excurso “A salvação futura de acordo com Jeremias”, sob Jr 32.